



RITA, Annabela. As literaturas em língua portuguesa. In: **Revista Épicas**. Ano 5, Número Especial 4, Março 2021, p. 162-166. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4>

## **AS LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA** **LITERATURES IN PORTUGUESE LANGUAGE**

Anabela Rita  
Universidade de Lisboa

PEREIRA, José Carlos Seabra. **As literaturas em língua portuguesa** (Das origens aos nossos dias). Lisboa: Gadiva, 2019 [792 p.]

Prefaciando institucionalmente o volume, Carlos Ascenso André justifica o projeto com a mudança do mundo ao longo das seis décadas volvidas desde a *História da Literatura Portuguesa* (1976), de António José Saraiva e Óscar Lopes, *vade mecum* que, mantendo embora grande utilidade, já não responde a questões colocadas no panorama do estudo da *língua portuguesa* e das culturas e literaturas em que ela se vai vertendo esteticamente. Apresenta a obra como *resposta*, com razão tida por excelente, a necessidade já sentida, o que é verdade:

uma obra que não se limitasse à Literatura Portuguesa, mas que se alargasse, de forma abrangente, às demais literaturas de língua portuguesa. Mas precisávamos, igualmente, de que tal obra tivesse em conta esse público alvo muito específico que são os milhares de aprendentes do Português mundo fora, com os seus condicionalismos próprios: um público heterogéneo, com patamares de conhecimento muito assimétricos, com interesses diversificados. Ou seja: uma obra acessível, mas rigorosa, útil a quem se limita à superfície das coisas, mas não menos instrumental para quem pretende descer mais fundo na sua reflexão e no seu conhecimento. (p. 10)

O título de José Carlos Seabra Pereira [JCSP] *As Literaturas em Língua Portuguesa (Das origens aos nossos dias)* sinaliza, desde logo, as questões fundamentais, as coordenadas dessa *resposta*:

1. a natureza do *corpus*. Diversificado e heterogêneo: não se trata de encarar uma literatura, mas um conjunto de literaturas. Unificado tão só pela Língua Portuguesa, não por ser *dela*, mas por ser *nela*: com isso, acolhe textos em que se pode observar, não necessariamente uma língua ‘padrão’ ou dominante, mas em que ela sobressai das outras que nela se refratam e a embebem;

2. a *abrangência temporal* aspirando à exaustividade, ao panorama cronologicamente mais amplo, concluindo na atualidade da comunidade de escrita e de leitura que no autor do estudo se ancora;

3. a *abrangência espacial* também anelante de exaustividade, desejo sinalizado pelo artigo definido plural (‘As Literaturas’) e pela preposição (‘em’ e não ‘de’, que lhe restringiria o campo de observação). Em vez de ter como critério uma geografia política justificando a abordagem sucessiva da literatura de cada região de língua oficial portuguesa ou com significativa expressão literária nela, a designação admite ir além dessa cartografia, contemplando a possibilidade de inclusão da literatura numa língua portuguesa embebida pela componente de tradução/assimilação/interpenetração/miscigenação linguística;

4. o *itinerário* da obra seguindo a *viagem* da língua portuguesa escrita: desde “as origens trovadorescas e cronísticas — entre Galiza e Portugal” (1º capítulo) até à globalização “dos nossos dias”, da gênese da manifestação estética em língua portuguesa na Península Ibérica, passando pela sua diáspora, até à sua expressão literária mais “intercultural e intermedial no contexto da globalização” (último capítulo).

As opções assumidas por JCSP, a quem a Literatura deve tão luminosos e informados trabalhos, resolvem, com frontalidade e coragem, alguns problemas que têm obstado à sistematização de um volume deste género. Volume reclamado por Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Fernando Cristóvão, Moisés Lemos Martins, Onésimo Teotónio de Almeida e tantos outros (em que eu mesma me incluo) no questionamento sobre o Cânone Literário português e lusófono (este, na dupla versão do singular abrangente e do plural reconhecido) em encontros científicos e obras coletivas e individuais.

Bastaria lembrar a questão central da *assincronia* entre as literaturas da cartografia do antigo ‘império’ que em língua portuguesa comunicou/a: a periodologia de referência na literatura portuguesa é contrariada no plano das literaturas orais e tradicionais, mas também no da sua produção (naturalmente, processando-se na razão direta da presença portuguesa nos locais, de África à América e ao Oriente, e do seu registo e sobrevivência materiais).

Associada a essa *assincronia*, está, também, a da constituição e heterogeneidade das identidades nacionais estéticas, com escrita *de fronteira* (conceito que Fidelino Figueiredo usa para a geografia político-cultural, mas que pode ser funcionalizada na temporalidade das independências nacionais de antigas colónias, atuais países de língua oficial portuguesa): a que se gera entre identidades nacionais, com as insígnias de ambas,

quer por estarem em convivência geográfica, quer por se gerarem em períodos em que a perspectiva da génese de uma nova nação estimula a recolocação estética, a modalização intertextual e a expressão ideológico-política.

Acresce que a matéria plástica base das diferentes literaturas aqui abordadas é uma língua de natureza ambígua, marcada por diferentes uso e convivências (também dialetais) e *em diferença...*

Estas são algumas questões da problematização central no xadrez geocultural lusófono, mas também no âmbito do 3º círculo da Lusofonia (o da *Lusofilia*, segundo Fernando Cristóvão).

JCSP encontra e oferece-nos *a sua solução*: segue a rota da língua portuguesa, dela observando as manifestações escritas e literárias, é ela a versão duplamente feminina e fluida do seu Ulisses nesta *Odisseia* de c. de 800 páginas de mancha densa.

Apesar de aspirar à exaustividade, essa opção obsta, logicamente, ao pleno cumprimento do *projeto* de uma *História*, como o autor reconhece em *incipit*, assinalando-lhe a dimensão *ensaística* e de *roteiro*:

“O presente estudo não é um comum manual de história literária, mas sim **um ensaio longo de roteiro** das literaturas em língua portuguesa, que se distingue pela perspectiva de concepção e pelos parâmetros de elaboração.” (p. 13)

Tal especificidade não é uma *limitação*, mas uma *subjectivização* e uma *humanização* perspéticas que mais nos atraem para a leitura, seduzidos pelo canto das Sereias como Ulisses... em vez do hieratismo de um tratado elidindo o seu ponto focal, dissimulando-o numa ilusória perspectiva central impositiva (o *poder do centro* denunciado por Rudolf Arnheim), eis-nos perante um *ensaio* cujo autor nos convida a segui-lo, em convivialidade de *compagnon de route*, partilhando o conhecimento (síntese e processo).

E JCSP caracteriza, na abertura, 4 aspectos distintivos deste trabalho em que “procura captar e acompanhar um fluxo de águas vivas que, quanto mais se abre em inestancáveis deltas nacionais, mais parece dirigir-se para uma comunidade interliterária (na acepção de Dionýs Ďurišin)” (p. 14):

- “a extensão no conspecto diacrónico dessas literaturas — desde as origens medievais até aos nossos dias (em rigor, até às vésperas da conclusão deste livro, na Primavera de 2019)” (p. 13);
- “a amplitude no panorama dos espaços transcontinentais da sua realização histórica (em Portugal e no Brasil, em Cabo Verde e em Angola, em São Tomé e Príncipe e na Guiné, em Moçambique e na Índia, em Macau e em Timor, até em diásporas atuais através da Europa e da América).” (p. 13);
- a opção pela “visão e representação de um curso de criações estético-literárias que, derivando heterogeneamente da nascente galega-portuguesa, vai tendo ao longo dos séculos suas afluências e defluências, por vezes com fontes autóctones e destinos de diferentes identidades comunitárias (aliás, identidades plurais e abertas, em transição e migração)” (p. 14), em vez da mais habitual compartimentação nacionalista;
- a inversão da proporção habitual decrescente “dos respectivos capítulos, com nítida expansão a partir da viragem para o século XX e decidida progressão pelos terrenos da literatura hodierna” (p. 14).

É todo um programa de trabalho com coordenadas bem definidas e visando uma “visão sistémica do devir diassincrônico dos estilos de época e do dinamismo peculiar do campo literário” (p. 14).

Ler a obra é verificar o pleno cumprimento desse programa e constatar a imensa informação que o autor, um erudito, carrega para o estudo. E é seguir um curso de águas em que a corrente abrande e nos faz atentar na análise mais detalhada, no pormenor de um autor, obra ou movimento, para, depois, acelerar para uma síntese compreensiva e, depois, para diante... ou para a via a/de/confluente.

Assim apresentado, o trabalho, *opus magnum* de JCSP, é relativizado pelo próprio em função da sua autoria: trata-se de uma *perspectivação* da problemática exposta em jeito de *roteiro*. A ambiguidade deste segundo termo é sugestiva: entendido como *guião*, é uma *narrativa* com a função de *diretriz* para uma *visualização* do fenómeno abordado, prevendo o desenvolvimento do leitor, um *para além da leitura*; entendido no sentido de documento náutico, ele contém informação complementar às Cartas Náuticas, diversa e valiosa para uma viagem de sucesso e, em geral, bem mais pormenorizada e *experimentada* do que a cartografia do território já descoberto e, até, desbravado por outros. Em suma, o que o autor nos oferece e conosco partilha no seu estudo monumental é *a sua representação* de um longo *itinerário reflexivo* através desse *puzzle* complexo e instável, líquido (Zigmunt Bauman), que designa por “*As Literaturas em Língua Portuguesa*” e que percorre por ordem cronológica, entretecendo a dupla temporalidade da sua viagem e da *língua portuguesa literária* que perscruta, representando-as de modo a combinar a grande angular sistémica e o *travelling* dinâmico, dois movimentos de câmara aparentemente contraditórios, mas que aqui se complementam.

Na sua *navegação*, JCSP não esquece os diálogos com outras literaturas, como, p. ex., quando menciona Mário Quintana e lhe assinala as relações com referências da modernidade europeia (de Maupassant a Gide, de Proust a Morgan, de Papini a V. Woolf). Também não evita autores de indecíveis *fronteiras* (linguísticas, literárias, culturais e nacionais), habitualmente menos abordados pela crítica: olhados com “alguma suspeita” como Rui Nunes, pelo seu “incómodo universo discursivo”, p. 645); ou de complexidade paródica e heteronímica como António Quadros (João Pedro Grabato Dias, J. P. G., Frei Ioannes Grabatus e Mutimati Barnabé João), cuja “obra torrencial” vibra de irónico ludismo pós-moderno na sua revisitação do cânone. Nem omite a referência às “escritas de autores migrantes ou filhos de migrantes em países com outras línguas e culturas hegemónicas (Onésimo Teotónio de Almeida nos Estados Unidos da América, Manuel Carvalho no Canadá, etc.)” (p. 758), dialogantes entre diferentes espaços e programas estéticos, linguísticos e culturais. E também não esquece a estratégica identificação de tendências (dominantes, simultâneas ou sucessivas, emergentes ou epigonais), de (sub)géneros, de centralidade e marginalidade (incluindo a que releva de minorias inconformistas sociais, culturais, étnicas, de género, etc., cartografia trabalhada pelos Estudos Culturais), de públicos-alvo, etc..

Mas talvez o mais inesperado na obra, considerando o perfil de JCSP, seja, mesmo, o modo como termina, beirando a década de 2020 que estamos a abrir, o *puzzle* instável e pouco definido de diferentes tendências do nosso (lusófono) multimodal panorama em perspectivação global(izante): “Rumo ao hipercontemporâneo? — Literatura intercultural e intermedial no contexto da globalização”. Correspondendo ao título, a secção aborda a tópica da atualidade literária, entretecida ou dominando-lhe algumas faces: os males sociais, desde a solidão à violência e à desorientação, da clivagem ao (res)sentimento geracionais, do medo da vida e da dor ao da morte, até às manifestações literárias de “catarse” ou do “revolver dos fatores identitários (língua, nacionalidade, classe social, género, religiosidade)” (em especial, nos espaços pós-coloniais). Por fim, aponta a expansão da escrita literária ao mundo digital, com tudo o que ele favorece de heterogeneidade, dispersão e redução dimensional, como o recurso de muitos autores a programas e linguagens de programação para criar “literatura generativa”, buscando-lhe o diálogo com a anterioridade (p. ex., a PO.EX), a modalidade da “instalação autoreferencial” (Manuel Portela) e da “as *fanfic*, sistema digital de literatura juvenil”.

O *roteiro* de JCSP, guiando-nos com mestria e erudição ambiciosas e sensíveis, por um imenso *thesaurus*, termina com uma inquietação prospectiva em que sentimos o enigma da velha e clássica Esfinge sobre o homem refletindo-se nas preocupações de Stephen Hawking (*Breves Respostas para Grandes Questões*, 2018), no seu testamento e alerta à Humanidade relativamente ao perigo da Inteligência Artificial:

Ainda não consolidada como categoria estilístico-periodológica, a noção de hipercontemporâneo parece corresponder a uma verdadeira mutação na globalização, levando a literatura a pôr em cena personagens híbridas, homens mecânicos e máquinas antropomórficas, oferecendo-nos em meio à violência político-religiosa e às apreensões ecológicas uma atemorizante visão do futuro em *Jogos de Raiva /.../* (p. 758).

Assim, sob o signo de uma inquietação partilhada desde a mitologia da Antiguidade Clássica até à Física dos nossos dias, imensa *abóbada reflexiva* apoiada em arcobotantes temporais e disciplinares compreensivos, se faz *nosso* o roteiro de JCSP (como em oitocentos se fez *nossa* a terra garrettiana...), obra imprescindível para o estudo das Literaturas em Língua Portuguesa e para a sua problematização, do(s) Cânone(s) às margens, das Humanidades tradicionais às digitais, da escrita em papel às experimentações no universo infinito da cibernética... obra igualmente imprescindível para quem desejar perscrutar nas letras as a/representações e as refrações do questionamento de quem somos e da nossa existência *em língua portuguesa*.